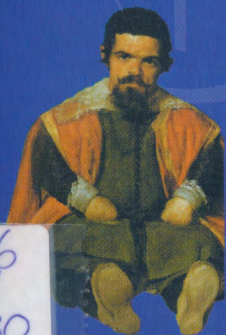


JOSÉ JORGE LETRIA

Grande Prémio de Teatro - 1997
da Associação Portuguesa de Escritores / Ministério da Cultura

NOITE
DE
ANÕES

seguido de:
Com a Pistola de Antero e
Exílios do Coração



16
/
80


HUGIN

162-30
39551

JOSÉ JORGE LETRIA

Grande Prémio de Teatro - 1987
da Associação Portuguesa de Escritores e Ministério da Cultura

NOITE
DE
ANÕES

edição de
Casa Portuguesa de Teatro
e Espectáculos Censurados

Prefácio de
Luiz Francisco Rebelo

colecção
DRAMATURGIA
sob a orientação de Luiz Francisco Rebelo

16-1-80
37051

JOSÉ JORGE LETRIA

Grande Prémio de Teatro - 1997
da Associação Portuguesa de Escritores / Ministério da Cultura

NOITE
DE
ANÕES

seguido de
Com a Pistola de Antero
e Exílios do Coração

Prefácio de
Luiz Francisco Rebello


HUGIN
1999

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA



Editor: Hugin - Editores, Lda.
Apartado 1326 - 1009 Lisboa Codex
Tel.: (01) 813 01 39 - Fax: (01) 814 42 12
Email: hugin@esoterica.pt

Grafismo: Júlio Sequeira

Composição e maquetagem: Hugin Editores, Lda.

Montagem, impressão e acabamento: Sociedade Astória, Lda.

ISBN: 972-8534-08-6

Depósito Legal: 140740/99

Primeira edição: Setembro de 1999

© 1999, José Jorge Letria

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Noite de Anões

Personagens: 1º Embuçado, 2º Embuçado, Estalajadeiro,
Estalajadeira, Florêncio do Entroncamento, Pepe de
Salamanca, D. Maria, Dama de Companhia, Criado,
Voz da Queimada, Figurantes da Queimada

A acção da peça decorre em finais do século XVI, algures entre o norte de Portugal e a Galiza, encontrando-se Portugal sob ocupação castelhana. O local da acção dramática é um albergue, à beira da estrada que vai para Santiago de Compostela. Ali pernoitam, retemperando forças, peregrinos de diversas procedências, portugueses uns, espanhóis os outros. Todos demandam Santiago à espera de serem atendidos pedidos e preces. Quase todos vão em cumprimento de promessas. A noite está fria, fria de pedra, e há quem acredite que a superstição e o bruxedo pesam muito mais do que a crença. Na grande noite fria, a questão da pequenez dos anões constitui o eixo central da acção dramática.

No palco mergulhado na penumbra movimentam-se figuras trajando de escuro e outras em cores garridas, que mais parecem bufões do que peregrinos. Misturam-se as preces com o canto profano das queimadas. É grande a algazarra, como se se assistisse a um ritual pagão numa estrada famosa em que todos, peregrinando, são movidos pelos valores da penitência e da fé.

teatro

ESTALAJADEIRO (*distribuindo pão e jarros de vinho pelas mesas*)

– Nunca o negócio nos correu assim tão de feição. Ainda bem que anda tanta gente nestas estradas. Esta algazarra é que me faz doer os ouvidos. Que mania a deles de misturarem as orações com a heresia das queimadas. O que é preciso é que não nos falem fregueses e dos bons.

ESTALAJADEIRA

– Que Deus te oiça, homem, e Santiago também! Depois da miséria dos últimos meses e das visitas dos colectores de impostos, não podíamos estar pior.

ESTALAJADEIRO

– Até pensei que o melhor seria irmos, também, a Santiago de Compostela pedir por melhores dias.

ESTALAJADEIRA

– Pois olha que ele atendeu-nos os pedidos, mesmo sem irmos lá em peregrinação.

ESTALAJADEIRO

– É um bom santo, graças a Deus. E vamos de ter que pagar este pão e este vinho, que consegui fiados por conhecer bem o feirante da terra.

ESTALAJADEIRA

– E a verdade é que os quartos estão todos cheios. E que gente tão esquisita os ocupa!

ESTALAJADEIRO

– Gente de posses, mas muito estranha. Alguns nem parecem ser lá muito sãos da cabeça.

ESTALAJADEIRA

– Pois olha que, a avaliar pelos cavalos e carruagens que trazem, devem ser de muitas posses, talvez mesmo fidalgos.

ESTALAJADEIRO

– Estranhos fidalgos! Mas o importante é que tragam dinheiro sonante para pagar a despesa da pernoita.

ESTALAJADEIRA

– Se lhes faltar o juízo, que não lhes falte o dinheiro, e esse não me parece ser problema que tenham.

(Entram em cena dois embuçados, que se sentam numa das mesas e pedem comida)

1º EMBUÇADO

– Ó estalajadeiro, queremos vinho, carne e pão!

ESTALAJADEIRO

– Num instante os servirei, senhores.

2º EMBUÇADO

– E toma cuidado com a caixa de madeira que deixámos à entrada do nosso quarto. Ouviste?

ESTALAJADEIRO

– Terei o maior cuidado com ela, senhores. (*Para a estalajadeira à boca de cena, em voz baixa*) O que trarão eles naquela caixa, que estão tão preocupados com ela?

ESTALAJADEIRA

– O que trazem lá dentro não sei. O que sei é que já lhe encostei o ouvido e escutei choros e gemidos, e até já ouvi ressonar.

ESTALAJADEIRO

– Se calhar é alguém que levam preso para algum lugar longe daqui.

ESTALAJADEIRA

– Nenhum preso caberia numa caixa tão pequena. Que mistério este! Valha-me Deus, anda gente cada vez mais estranha nestes caminhos. As coisas que nós já vimos, Santo Deus!

ESTALAJADEIRO

– O que interessa é que nos paguem. Não estamos aqui para fazer perguntas e sim para os servir bem e para lhes cobrar a horas certas.

1º EMBUÇADO

– Ó estalajadeiro, vê se nos atendes que temos muita pressa.

ESTALAJADEIRO (*esgueirando-se com a mulher para a cozinha*)

– É para já, senhores!

1º EMBUÇADO (*para o companheiro*)

– Vê se cuidas da muda dos cavalos, porque temos que chegar a Santiago antes dos peregrinos. Sabes bem que não podemos atrasar-nos.

2º EMBUÇADO

– Vê se páras de me dar ordens, porque eu mando tanto como tu.

1º EMBUÇADO

– Desculpa, mas eu mando mais, porque a ideia deste negócio foi minha e não tua, e é comigo que as pessoas querem fazer negócio. Sabes bem que é assim.

2º EMBUÇADO

– Não vale a pena começarmos a discutir por causa disto, mas sempre te lembro que as moedas que nos permitiram montar o negócio eram minhas e não tuas.

1º EMBUÇADO

– Se quiseres, no regresso de Santiago, fazemos contas e cada um segue o seu caminho. É isso que queres?

2º EMBUÇADO

– E dividimos ao meio o que não pode ser dividido?

1º EMBUÇADO

– Vê se falas baixo, porque ninguém tem que saber qual é a nossa mercadoria. Uns fazem peregrinações e outros fazem negócios. Nós fazemos parte do segundo grupo, e o segredo do negócio é o silêncio. Neste negócio, o silêncio vale ouro. Por isso vê se te calas.

2º EMBUÇADO

– Pronto, já cá não está quem falou.

1º EMBUÇADO (*erguendo a voz e falando na direcção da cozinha*)

– Ó estalajadeiro, já te esqueceste de nós?

ESTALAJADEIRO (*gritando da cozinha*)

– Já vou a caminho com a comida e a bebida! Já vou a caminho, senhores!

2º EMBUÇADO

– Não nos ajudaram nada palavras desse frade Prudêncio de Sandoval, que, num sermão e numa crónica, se pôs a falar do nosso negócio.

1º EMBUÇADO

– Não te queixes, que, quanto mais conhecidos formos, mais dinheiro havemos de ganhar.

2º EMBUÇADO

– Mas ele fala de nós como se fôssemos maus cristãos e gente de poucos escrúpulos.

1º EMBUÇADO

– E nós o que somos? Achas que ele está muito longe da verdade? (*pausa*) Agora cala-te que vem aí a nossa comida.

(*Entra em cena o estalajadeiro e serve os dois embuçados*)

ESTALAJADEIRO

– Espero que lhes faça muito bom proveito, senhores. O vinho, o pão e a carne são dos melhores que se encontram nestes caminhos. E também vos trouxe um delicioso queijinho de cabra, que é oferta da casa a tão ilustres hóspedes. (*Pausa*) Quereis que deixe alguma comida de parte para se pôr dentro da caixa?

1º EMBUÇADO

– Dentro da caixa? Mas, o que tens tu a ver com a nossa caixa de madeira? Só te pedi para teres cuidado com ela e nada mais.

ESTALAJADEIRO

– Perdão, senhores, só quis ser agradável. Como me pareceu que trazeis lá dentro um animal de estimação, admiti que tivesse fome e sede. É natural que assim aconteça. Foi com a melhor das intenções.

2º EMBUÇADO

– Isso é assunto nosso!

ESTALAJADEIRO (*afastando-se*)

– Só quis ser agradável a tão ilustres hóspedes.

1º EMBUÇADO (*para o companheiro*)

– Anda desconfiado o maldito estalajadeiro. Talvez fosse melhor deixarmos a caixa de madeira na estrebaria, junto dos cavalos. Aí, pelo menos, não havia de lhe faltar calor. O que achas desta minha ideia?

2º EMBUÇADO

– Ensandeceste, homem? O que seria de nós se nos roubassem a caixa? Não vês que está ali o nosso tesouro? Esqueceste-te de como foi difícil conseguirmos o que está lá dentro?

1º EMBUÇADO

– Tens razão. Seria muito arriscado. O melhor é ir lá acima ver se está tudo em ordem. Começa a irritar-me esta desconfiança do estalajadeiro.

2º EMBUÇADO

– Acho boa ideia. E, já agora, leva-lhe qualquer coisa para comer, mas disfarçadamente. Fala-lhe com carinho e vê se ele adormece. Quando passa muito tempo longe de nós dá-lhe para ficar nervoso e para chorar e gemer. E isso é, neste momento, o que menos nos convém.

1º EMBUÇADO

– E já tinha boa idade para se deixar dessas artimanhas. Ele até sabe que gostamos dele.

2º EMBUÇADO

– Negócio é negócio! (1º Embuçado levanta-se e sai)

(Entram em cena, com um pequeno intervalo, um homem coxo, Florêncio do Entroncamento, e outro marreco, Pepe de Salamanca, que se sentam na mesma mesa)

FLORÊNCIO

– A tua cara não me é estranha.

PEPE

– Pois a tua também não.

FLORÊNCIO

– O meu nome é Florêncio do Entroncamento e sou bufão na corte de D. João de Áustria, em Lisboa.

PEPE

– E o meu é Pepe de Salamanca e sou bufão na corte de Madrid.

FLORÊNCIO

– Posso saber o que vens fazer para estas bandas?

PEPE

– Provavelmente o mesmo que tu.